



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO **GÊNERO FEMININO NO BRASIL, ENTRE 2011 E 2021, À LUZ DA** **INTERSECCIONALIDADE**

Ellen Silva Sampaio¹; Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa²

1. Bolsista – Modalidade PROBIC/UEFS, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ellensam.uefs@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: arppbarbosa@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Violência sexual; Infantojuvenil; Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

De acordo com informações dos Boletins Epidemiológicos produzidos pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2018; Brasil, 2023), entre 2011 e 2021, a maioria das vítimas de violência sexual no Brasil foram crianças e adolescentes, do sexo feminino e negras. Enquanto os agressores eram majoritariamente do sexo masculino e possuíam certo vínculo com elas. O panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) salienta os mesmos dados trazidos anteriormente, reforçando assim, a pertinência para a sociedade brasileira, de uma reflexão sobre os fatores que podem exercer influência nesse quadro.

Diante disso, o presente estudo visa realizar uma leitura e análise crítica dos dados disponíveis sobre violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo feminino no Brasil, entre 2011 e 2021, destacando características predominantes nos casos e as analisando a partir de um olhar interseccional, que leva em consideração fatores históricos, sociais e políticos para compreensão das informações dadas. O estudo também se propõe a utilizar categorias estudadas pela ferramenta da interseccionalidade, como gênero, raça e faixa etária, para refletir sobre a relação desses fatores com a violência sexual e como elas podem ter contribuído para a incidência dos crimes sexuais contra a população infantojuvenil feminina e brasileira.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Os dados considerados neste trabalho encontram-se nos Boletins Epidemiológicos produzidos pelo Ministério da Saúde, que fornecem notificações da violência sexual perpetrada contra crianças e adolescentes do sexo feminino, tanto no período de 2011 a 2017 (Brasil, 2018) quanto entre 2015 e 2021 (Brasil, 2023). O Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes do Brasil construído pelo Fundo das Nações

Unidas para a Infância (UNICEF, 2021), que dispõe de registros sobre a violência entre 2017 e 2020, também foi utilizado como fonte de informações para análise. Com o fim de refletir sobre tais dados à luz da interseccionalidade, cabe uma elucidação sobre a mesma a seguir.

De acordo com Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que sonda como as relações de poder influenciam nas relações sociais e experiências do cotidiano de cada indivíduo e considera que fatores como a raça, classe, etnia, gênero, faixa etária, nacionalidade interligam-se profundamente entre si. À vista disso, para compreender os dados dispostos quanto a violência sexual contra a população infantojuvenil feminina, faz-se necessário uma análise do contexto sócio-histórico, cultural, econômico e político que circunscreve o período destacado, a fim de interseccionar as informações fornecidas com as categorias de gênero, raça/cor, faixa etária, já que estas “moldam-se mutuamente” e agem numa dada sociedade e época de modo unificado. Dessa forma, a partir de uma análise interseccional, é possível entender a violência praticada contra crianças e adolescentes em um determinado momento histórico, como também abrir caminhos para novas reflexões.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Os dados indicaram que, dentre a população infantojuvenil feminina e brasileira que sofreu violência sexual entre 2011 e 2021, houve um predomínio de vítimas adolescentes negras, da região Sudeste, sendo o principal agressor do sexo masculino, este que possuía, na maioria dos casos, algum tipo de vínculo com a vítima, podendo ser familiar, parceiro, amigo ou conhecido. Os estudos também indicaram que o local onde mais ocorreu a violência sexual foi na residência e o estupro foi o crime mais praticado. Além disso, entre 2011 e 2019, ocorreu um aumento de notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes. Todavia, no ano de 2020, houve uma diminuição nesse número ao passo que, no ano seguinte, em 2021, houve novamente um acréscimo significativo de registros. Diante o exposto, os possíveis fatores associados as características destacadas quanto a violência sexual contra o público infantojuvenil feminino e brasileiro foram discutidos.

Levamos em consideração que jovens meninas podem sofrer mais violência sexual pelo sexo masculino devido à própria condição de gênero, pois aos homens é consentido o poder, pela cultura patriarcal, para dominar e violentar os corpos femininos. Como também elas podem ser o público mais violentado por conta da vulnerabilidade de idade, já que possuem certa dependência dos cuidados de responsáveis mais velhos, e os agressores podem se utilizar desta posição superior, em relação ao público mais novo, para praticar a violência sexual. Além da maioria das vítimas representar o sexo feminino, os dados também apresentaram que grande parte delas são negras. Com isso, indicamos que tal fato pode ter relação com a raça/cor da pele, já que o racismo enraizado na sociedade brasileira desde o período colonial, leva a população negra vivenciar diversas violências, e neste estudo em especial, a sexual.

Por meio da análise interseccional, vimos que múltiplos fatores que fazem parte da realidade social dos indivíduos relacionam-se entre si e modelam suas experiências. Em razão disso, apresentamos possíveis relações entre as características destacadas da violência sexual perpetrada contra o público infantojuvenil feminino, de 2011 a 2021, e

o contexto sócio-histórico e político que circunscreve o período. No que diz respeito a maioria dos dados ter indicado uma concentração de casos no Sudeste, relacionamos isso a má distribuição de serviços e a subnotificação em outras regiões. Quanto ao aumento das notificações entre 2011 e 2019, levantamos que ações do contexto político e divulgações na mídia da época podem ter contribuído para isso. Acerca da diminuição de registros da violência sexual em 2020, associamos esse fato a subnotificação de casos devido a pandemia do COVID-19, bem como o crescimento expressivo de notificações em 2021, pode ter relação com o aumento de casos devido ao isolamento social. Quanto a residência ter sido o principal local do crime - o que justifica o vínculo do autor com a vítima, isto é, pela facilidade de acesso a moradia que só pessoas próximas têm -, expomos que esse dado pode ter conexão com o interior do domicílio envolver certa liberdade para desempenhar a violência sem ser flagrado por outras pessoas, facilitando a própria prática do estupro, tipo de violência mais cometido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir da interseccionalidade, utilizada como ferramenta de análise neste estudo, foi possível refletir criticamente sobre fatores que atravessam os dados dispostos quanto a violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo feminino no Brasil, entre 2011 e 2021. À luz dela, vimos que o público infantojuvenil feminino foi violentado sexualmente por questões que perpassam categorias como gênero, raça/cor e faixa etária; analisamos fatores que podem estar por trás dos crimes sexuais e mostramos que há um cenário o qual envolve cada dado apresentado, tendo como finalidade levar os leitores a reflexão de medidas que visem a diminuição da violência sexual contra esse grupo ao se atentarem para todo o contexto levantado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. 2018. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. Boletim Epidemiológico, v. 49, n. 27, p. 1-17.

BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. 2023. Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021. Boletim Epidemiológico, v. 54, n. 8, p. 1-15.

COLLINS, P.H; BILGE, S. 2020. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo.

UNICEF; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2021. Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância.